

Hollywood perde
para animação
chinesa em 2025

PÁGINA 5



Feira das Yabás
chega ao CCBB
RJ neste feriado

PÁGINA 7



Ceramistas de
Petrópolis expõem
em Santa Teresa

PÁGINA 8



2º CADERNO



Marcelo Martins



Maurício Einhorn



Luana Mallet



Ney Conceição

Nando Chagas/Divulgação

Por Affonso Nunes

O Dia Internacional do Jazz, comemorado todo dia 30 de abril, não passa em branco no Rio. A data, criada pela Unesco em 2011, reconhece o papel do gênero como instrumento de liberdade, diálogo entre culturas e expressão criativa.

No Blue Note Rio, em Copacabana, uma reunião de grandes nomes da música brasileira promete uma noite de celebração no melhor estilo jazzístico: uma jam session. Dezesete renomados músicos brasileiros sobem ao palco da casa, entre eles Jefferson Lescowich, Jessé Sadoc, José Arimatéia, Luana Mallet, Marcelo Martins, Marcos Nimrichter, Mauricio Einhorn, Ney Conceição, Pedro Quental, Renato Massa, Ricardo Silveira e Torcuato Mariano. No repertório, temas clássicos do jazz, releituras e muita improvisação, reunindo gerações e estilos diversos.

O Centro Cultural Banco do Brasil também prepara uma homenagem ao gênero. Dentro da série Música no Museu, a Big Band do Colégio Pedro II fará uma apresentação gratuita às 12h30 no CCBB Rio. Formada por jovens instrumentistas, a orquestra explora repertórios de mestres do

É dia de jazz, beebê!

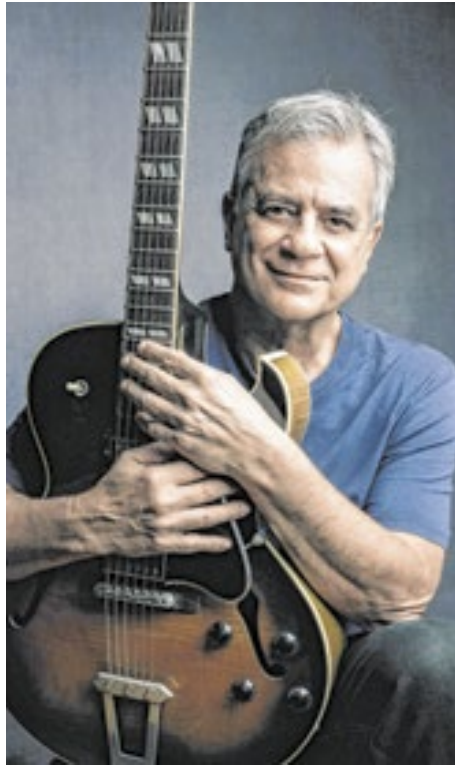
Cidade celebra o Dia Internacional do Jazz com programação especial no Blue Note Rio em jam session que reúne 17 músicos

jazz, como Duke Ellington, e promete contagiar o público com arranjos vibrantes.

O Dia Internacional do Jazz foi criado com a proposta de destacar a importância do gênero na construção de sociedades mais

inclusivas e pacíficas. Surgido no final do século 19, em Nova Orleans, o jazz nasceu do encontro entre tradições africanas, europeias e caribenhas. Em pouco tempo, ultrapassou fronteiras, servindo de trilha sonora

para movimentos sociais e inspirando diferentes vertentes musicais. Sua capacidade de improvisar, dialogar e renovar tornou-se símbolo de resistência e liberdade artística, influenciando do rock à música erudita.



Ricardo Silveira

A força do encontro entre dois mundos

Fabio Brazza funde samba e rap no álbum 'A Roda, a Rima, o Riso e a Reza'

Por Affonso Nunes

Reconhecido por seu domínio das palavras no rap, Fabio Brazza amplia horizontes em "A Roda, A Rima, O Riso e a Reza", que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (2) pelo selo Yalla Recordings. O álbum marca um novo momento em sua trajetória do artista em seu mérito de unir a cadência do samba à força da

rima, numa fusão musical que traduz identidade, versatilidade e improviso e aponta novos caminhos para os dois estilos.

Produzido por Xuxa Levy e Paiva Prod, o disco traz 14 faixas inéditas e conta com participações de Criolo, Ferrugem, Xande de Pilares, Prettos e Mestrinho. O samba, antes vivido como um "lado B", ganha protagonismo ao lado do rap, sem perder o caráter de resistência e afirmação cultural que une os dois gêneros.

Segundo Brazza, o álbum é o trabalho mais autêntico de sua carreira. "Não é só sobre rap ou samba, mas sobre a força que nasce quando esses dois mundos se encontram", afirma. No repertório, há espaço

Divulgação



Fabio Brazza e Criolo, que participa de uma das faixas do álbum

também para pagode, baião, ijexá e embolada, que expandem a proposta estética e rítmica do projeto.

Entre os destaques, os singles "Sonhos", com Criolo, e "Cê Já Se Perguntou", com Ferrugem, anteci-

param a sonoridade do álbum. As faixas abordam temas como identidade, desejo e propósito, mantendo o tom poético e social presente na obra do artista.

A arte da capa reforça o con-

ceito circular do disco, com referências a rodas de samba, capoeira, alinha, futebol e improviso. "Se o Brasil fosse uma roda de samba, nosso país seria bem melhor", garante o cantor e compositor.



UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Solitude em cena

Com estética vibrante e poética, o single "Só de Calcinha" chega nesta quinta-feira (1) com clipe inédito no YouTube. A faixa marca uma nova fase sonora da cantora cearense Luiza Nobel, que mistura reggae music, brega funk e vivências urbanas em Fortaleza. Com produção musical de Glauber Alves, o projeto reflete sobre solidão, rotina e autocuidado. O clipe traz animação 3D, recursos de acessibilidade e será exibido em sessão pública, seguida de roda de conversa com a equipe criativa.

Divulgação



Divulgação

Intimidade nascente

Ana Gabriela lança nesta quinta-feira (1), o single "quanto tempo tem o tempo?", quarto capítulo de seu próximo álbum, "Baseado em Fatos Reais (Menos as Partes que eu Inventei)". A faixa chega a todos os aplicativos de música acompanhada de clipe inédito no YouTube gravado na região argentina da Patagônia. Com produção de Janluska e Gabriel Duarte Mendes, a canção equilibra pop e eletrônico ao narrar o instante em que nasce a intimidade entre duas pessoas, quando surge o desejo de estar perto e o tempo parece ganhar outra dimensão.

Divulgação



Reflexão pop

Nahoum lança o single "I i v r e", faixa autoral que integra seu álbum de estreia, "Teoria do Caos", previsto para o segundo semestre. Com instrumental potente e vocais mais maduros, a música reflete sobre as dualidades da liberdade, abordando as dores e as escolhas que ela impõe. "Estou construindo minha identidade musical junto com o meu público. Me coloco na prateleira do pop porque sou atravessado por influências sonoras de diversos estilos e imprimo tudo isso na minha arte", conta Nahoum, nome em ascensão na nova cena pop brasileira.

Manoella Maia/Divulgação TV Globo



As vilãs das novelas globais roubaram a cena no especial; com esquetes hilários, o VT viralizou nas redes sociais

Beatriz Damy/Divulgação TV Globo



O encerramento do bloco musical teve Xuxa saindo de sua nave para reviver seu programa infantil numa apresentação do hit 'Ilariê' com as paquitas

A sabedoria de saber rir de si mesma

Evento de 60 anos da Globo reúne artistas históricos, apresentações musicais e momentos de nostalgia; vilãs das novelas roubam a cena em VT hilário que viraliza

Leo Rosário/Divulgação TV Globo



Renata Vasconcellos e William Bonner, o principal casal de âncoras do Jornal Nacional, participou do quadro que destacou o jornalismo da emissora

Por Affonso Nunes

Certa vez o escritor e filósofo britânico G.K. Chesterton disse que “o verdadeiro humor começa quando deixamos de nos levar tão a sério.” A Globo se valeu dessa máxima na superprodução que celebrou seus 60 anos na noite desta segunda-feira (28), na Farmasi Arena, na Barra da Tijuca, e que foi exibida após a novela “Vale Tudo”. Assumidamente inspirado numa cerimônia do Oscar, o evento reuniu artistas históricos, apresentações musicais, homenagens e momentos de nostalgia. Com humor, leveza e sem se levar tanto a sério. Uma sábia decisão.

O maior destaque da noite foi o VT estrelado por vilãs clássicas das novelas da emissora. Susana Vieira, Glória Pires, Renata Sorrah,

Adriana Esteves, Flávia Alessandra, Lília Cabral, Letícia Colin e Joana Fomm apareceram em uma esquete de humor ácido. No camarim, discutem qual delas seria a maior megera da história da Globo, até se unirem em um plano para invadir a festa. “Estão tentando nos substituir por influenciadores”, especula

Carminha (Adriana Esteves), em crítica bem-humorada à era digital. “Globolixo!”, esbraveja Cristina (Flávia Alessandra), arrancando gargalhadas da plateia.

O reencontro das vilãs teve enorme repercussão nas redes sociais. Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) se gabava de ser um dos

maiores memes da internet, com repercussão internacional.

“Parece um Vingadores versão vilãs da Globo”, escreveu uma internauta. O ex-BBB Gil do Vigor, presente na plateia, tuitou: “Quero uma série com as vilãs!”. A sequência foi encerrada por Ivete Sangalo, que surgiu no palco cantando um mashup de “Sympathy for the Devil”, dos Rolling Stones, e “Erva Venenosa”, de Rita Lee, vestida de preto da cabeça aos pés.

No mais, a festa foi marcada por uma mistura de reverência ao passado com bom humor. Tatá Werneck surgiu vestida como Praga, personagem do “Xou da Xuxa”, e zombou dos rumores de brigas de bastidores envolvendo atores de “Vale Tudo”, algo que a própria emissora decidiu tratar com leveza. A piada funcionou como uma resposta afiada e espirituosa.

Outro momento de impacto foi a homenagem aos ícones do humor da Globo, que reuniu personagens de programas como “Casseta e Planeta”, “Sai de Baixo” e “Turma do Didi” em uma chamada de vídeo simulada. Renato Aragão, que teve desavenças recentes com a emissora, apareceu sorridente na plateia.

Também de volta à cena, Regina Duarte interpretou “Tele Tema”, da novela “Véu de Noiva”, de 1969. A atriz, que nos últimos anos rompeu laços com a classe artística ao aderir ao governo Bolsonaro, havia sido afastada da emissora. Agora, reapareceu em clima de reconciliação, após recente entrevista ao

“Conversa com Bial”.

As novelas foram celebradas com figurinos e coreografias que evocaram personagens icônicos. O saudoso Ney Latorraca (1944-2024) reviveu o conde Vlad de “Vamp” com dançarinos fantasiados de morcegos. Ginastas como Daiane dos Santos e Rebeca Andrade protagonizaram uma apresentação poderosa ao som de “Run the World (Girls)”, de Beyoncé, acompanhadas de outras atletas brasileiras.

Na música, houve encontros raros. Roberto Carlos abriu a noite com “Emoções”, seguido por Fábio Jr., Negra Li e Sandy & Junior, que cantaram “Eu Acho Que Pirei”. Angélica surgiu vestida de Fada Bela. Xuxa, ovacionada, encerrou o bloco nostálgico ao sair de uma réplica de sua icônica nave espacial, levando a plateia ao delírio com “Ilariê”.

O pagode teve espaço com Zeca Pagodinho e Péricles. O sertanejo reuniu o grupo Amigas, com Simone Mendes, Ana Castela, Lauana Prado e as irmãs Maiara e Maraisa. Gilberto Gil representou a MPB, em performance que marcou sua última turnê pelo país. O jornalismo foi homenageado com depoimentos de Renata Lo Prete, Poliana Abritta e Sandra Annenberg, que brincou com o meme sobre falta de elegância. As falas celebraram a credibilidade da emissora e seu fundador, Roberto Marinho, que começou como repórter no jornal O Globo, herdado de seu pai, Irineu Marinho.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sacudido no início desta semana por um apagão na Península Ibérica, o Velho Mundo segue de luzes acesas em nosso circuito graças ao Festival de Cinema Europeu Imovision, que fecha sua programação nesta quarta-feira, às vésperas do feriado do Dia do Trabalho, com uma seleção de peso. O maior achado do garimpo que Jean Thomas Bernardini (o organizador do evento) fez, ao fuçar as pérolas da Berlinale, na Alemanha, é o thriller “A Arte do Caos” (“Verbrannte Erde”), de Thomas Arslan. Trata-se de um tenso estudo sobre o crime. O Cine Santa Tereza exibe uma sessão dele esta noite, às 19h10. É pegar ou largar. Em seu enredo, o bandido Trojan (Misel Maticevic) volta à capital alemã depois de um exílio de 12 anos, em busca de uma fonte de renda ilícita. A atravessadora Rebecca (Marie-Lou Sellem) oferece ao criminoso, que está falido e precisando de oportunidades, uma proposta lucrativa: roubar um quadro de Caspar David Friedrich (1774 –1840) de um museu. Tudo parece promissor para a empreitada, mas o cliente é um de seus mais violentos capangas têm planos próprios para a pintura. Assim, o assalto que havia sido meticulosamente planejado sai do controle. Resultado: adrenalina.

Para quem curte a estética documental da Europa, a boa do dia vem lá da Suíça: o filmaço de não ficção “Misty – A História de Erroll Garner”. Suas projeções serão às 16h (no Knioplex São Luiz) e às 18h30 (no Estação Net Rio). Seu realizador, Georges Gachot, é entusiasta da música popular brasileira, como se nota em filmes como “Onde Está Você, João Gilberto”, de 2018, e “Maria Betha-



A Grécia participa da maratona cinéfila europeia com ‘Síndrome da Apatia’

Divulgação

Farol do Velho Mundo

É o último dia para conferir candidatos a cult do Festival Imovision, em várias salas da cidade

Gachot Films



‘Misty’ mostra a vida e carreira de Errol Garner, um gigante do jazz

nia: Música É Perfume”, de 2005, que fizeram sua fama.

Gachot estruturou a fita a partir de um hit. Gravada original-

mente em 1954, “Misty” virou a trilha sonora de muitos amores e inspirou até filmes de culto, o que deu ao seu idealizador, o pianista



Misel Maticevic vive um ladrão envolto num golpe perigoso em ‘A Arte do Caos’

Erroll Garner (1921-1977), lugar entre os autores dos grandes standards do jazz nos EUA. Há, entretanto, um lado doloroso na sua trajetória pessoal e profissional do qual pouco se sabe e que levou o documentarista franco-suíço a retratar a sua vida num exercício biográfico regado de poesia.

Várias salas, entre elas o Cine-Carioca José Wilker (às 17h50) e o Cinemark Donwtown (às 18h40), agendaram para neste 30 de abril o ganhador do Urso de Ouro do Festival de Berlim deste ano, “Dreams (Sex Love)”, do norueguês Dag Johan Haugerud, cineasta nascido em Eidsberg há 60 anos. Seu enredo faz ele fazer uma ode à literatura ao narrar o processo de escrita de uma adolescente (papel de Ella Overby) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a

enxerga com desejo.

Da Grécia, o Festival Imovision buscou “Síndrome da Apatia” (“Quiet Life”), do realizador Alexandros Avranas. Passa às 17h15, no Cinesystem Botafogo. Em seu roteiro, Sergei e Natalia são refugiados políticos que imigraram para a Suécia com suas duas filhas, Katja e Alina, em busca de uma nova vida. Suas esperanças são destruídas quando o pedido de asilo deles é rejeitado. Sua filha Katja, traumatizada por esse episódio, desmaia e subitamente entra em um coma, desenvolvendo uma condição conhecida como Síndrome de Resignação, explicada como uma autoproteção contra o sentimento de medo. Sergei e Natalia tentarão de tudo para conseguir o asilo e criar a atmosfera segura que sua filha precisa para despertar.

Sem 'game over' pro garimpo do milhão

Divulgação

Em meio à forte concorrente chinesa, Hollywood preserva seu espaço no ranking das maiores receitas cinematográficas do ano em 'Minecraft', que amplia a popularidade do astro Jack Black



Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A menos que o vindouro Superman do diretor James Gunn gere um estouro da boiada cinéfila e fature aos tubos, a maior bilheteria de 2025 será da China, graças à animação "Ne Zha 2: O Renascimento da Alma", que beira US\$ 1,9 milhões na venda de ingressos, em cartaz em 23 países. Hollywood reage como pode para manter um lugar de destaque no pódio dos maiores faturamentos do mercado. Pódio que historicamente foi liderado pelos EUA. O nº 2 do ranking, encarado hoje como o maior acerto hollywoodiano no quadrimestre, é "Um Filme Minecraft", de Jared Hess.

Sua receita está em US\$ 816 milhões. Seu maior apelo é a conexão do longa-metragem com uma linha de videogames que alfabetizou gerações de crianças nos últimos 14 anos, mas a figura de Jack Black, em estado de graça, ajuda um bocado.

Ciente de que anda impossível salvar filmes de super-heróis baseados em HQs da falência anunciada, vide o desastre comercial do último "Capitão América" e seu Hulk Vermelho, a Meca americana do cinemão tem constatado que jogos eletrônicos podem ser a maior (e mais rentável) diversão. "Super



O hilário Jack Black e o gradalhão Jason Momoa têm a missão de devolver a Hollywood o pódio da bilheteria mundial de 2015 com 'Um Filme Minecraft'. O posto vem sendo ocupado por 'Ne Zha 2: O Renascimento da Alma' (ao lado), uma animação de CEP chinês

Mario Bros." (2023) faturou US\$ 1,3 bilhão quando se esperava bem menos dele. A franquia "Sonic" (2020-2024) não cessa de dar lucro, tendo arrecadado US\$ 1,2 bilhão. Projetos ainda em gestação pautados por games, como a versão para as telonas de "Fantasma de Tsushima", movimentam multidões nas redes sociais.

Em meio a esse cenário, "A Minecraft Movie" veio para ficar. Custou alto (US\$ 150 milhões), mas já faturou alto também... beeeem alto. Deve fechar este feriado com US\$ 1 bilhão. No Brasil, suas salas seguem lotadas.

O fenômeno é calçado no apelo infantil do jogo criado em 2011 pelo Mojang Studios, que refaz a realidade a partir de uma geometria de cubo. Há nele algo do "Jumanji" (1995) original: um clima pueril de peripécias sem fim. Um tempero de bom humor em pitadas generosas amplia o paladar de uma narrativa de correrias, que tem a função (importante) de atrair plateias mirins, de dentes de leite, para descobrir o cinema e aprender a amá-lo.

A premissa central é a do desajuste. Há um grupo de pessoas solitárias em cena: os irmãos Natalie e Henry (Emma Myers e Se-

bastian Hansen); a corretora e fã de animais Dawn (Danielle Brooks); e o ex-craque de videogames "The Garbage Man" Garrison (Jason Momoa). Por razões distintas, eles esbarram com uma mina que os transporta para o mundo mágico chamado de Overworld, onde tudo é cúbico. Lá, encontram um humano perdido, Steve (papel de Jack Black, dublado aqui por Paulo Vignolo), em busca de meios para voltar à Terra. Ele finge pactuar com as criaturas que dominam aquela realidade do avesso, mas acaba ajudando a turma recém-chegada a encontrar um veio de voltar, numa dinâmica de correrias com viradas sucessivas.

Henry, um inventor nato, é o personagem que melhor consegue ser desenvolvido por um argumento (demasiadamente) encantado com as estranhezas da arena onde se desenrola. A presença da atriz Jennifer Coolidge como a vice-diretora Marlene, uma autoridade escolar, amplia o tônus cômico do longa, que se estrutura sobre uma montagem aglissíssima.

No Natal, Black já havia se destacado... um bocado... no streaming com a comédia "Querido Papai Noel" ("Dear Santa", 2024), de Peter Farrelly. É o filme natalino mais doidão (e mais criativo) da indústria pop em anos, desde "Bad Santa" (2003). Fazia tempo que o ator de "Escola do Rock" (2003) não atuava de forma tão hilária. Ele vive um diabo trapalhão. Quando um menino envia sua lista de desejos natalinos ao Bom Velhinho com um erro de grafia crucial, o tal demônio chega à Terra para causar estragos nas festas de fim de ano.

Até dezembro, Black há de arrancar mais uma fortuna em dólares com a estreia do remake de "Anaconda". A seu lado está Selton Mello, um fazedor de blockbusters em telas brasileiras.

Esta semana, com a estreia de "Thunderbolts", a Marvel vai testar sua força de arrebatador fãs para as salas de exibição. Outra aposta forte da indústria americana é "Missão: Impossível - O Acerto Final", com Tom Cruise, que estreia no dia 22 de maio. O novo Super-Homem, falado no início deste papo, será lançado em 10 de julho, com David Corenswet no papel de Clark Kent.

Idealizado por Marco dos Anjos, espetáculo conta história de amizade entre quatro crianças e propõe jogo cênico em que recursos de inclusão se integram à dramaturgia

Com uma proposta inovadora, o espetáculo “Da Janela” traz a história de três crianças, Malu, Nina e Cadu, que se conhecem e desenvolvem uma amizade através das janelas de suas casas. O enredo simples emociona ao apresentar a forma como essas crianças lidam com as diferenças de cada uma, criando uma comunicação instintiva à distância. A peça foi construída com foco na acessibilidade, integrando recursos de inclusão em todas as etapas da criação. Após uma temporada de sucesso, o espetáculo retorna ao Rio em curta temporada no Teatro Adolpho Bloch.

Idealizado pelo diretor Marco dos Anjos, “Da Janela” tem como grande diferencial a forma como teatraliza os recursos de acessibilidade, promovendo um espetáculo inclusivo para crianças com deficiência. Malu, interpretada por Elizândra Souza, é a personagem que, com o auxílio de um binóculo, narra o que acontece na vizinhança para as crianças com deficiência visual. Nina, interpretada por Mariana Siciliano, é surda e ensina Cadu (Alain Catein e Giuseppe Marin) a se comunicar sem o uso de palavras, utilizando outros



Com a participação de consultores de inclusão e pessoas com deficiência, a direção concebeu um espetáculo que teatraliza recursos de acessibilidade na comunicação em cena

Inclusão e colaboração em cena

meios de expressão.

A inclusão é de fato orgânica na peça, com cenas que podem ser assistidas igualmente por crianças e adultos com deficiência auditiva ou visual. A intérprete de LIBRAS, Thamires Ferreira, integra a cena como síndica da vizinhança, traduzindo em linguagem de sinais tudo o que ocorre no palco. A interação com o público também faz parte da experiência: a plateia é convidada a se autodescrever e

a aprender, em LIBRAS, a frase “Você quer ser meu amigo?”.

Além dos recursos de LIBRAS, o espetáculo oferece fones abafadores para pessoas com sensibilidade auditiva e adaptações para espectadores com mobilidade reduzida, incluindo acessibilidade para cadeirantes. O espetáculo, dirigido a toda a família, é uma celebração de inclusão, acessibilidade e diversão, criando um ambiente onde todos são convidados a participar.

O processo de criação de “Da Janela” nasceu do desejo do diretor Marco dos Anjos de explorar a inclusão de pessoas com deficiência em um espetáculo de forma integrada e não como um elemento separado. Marco, que já coleciona mais de 50 prêmios com a Trupe do Experimento, desafiou-se a criar uma peça onde os recursos de acessibilidade fossem organicamente incorporados à dramaturgia. Para isso, contou com a consultoria de es-

pecialistas como Vanessa Bruna e Christofer Alex, que participaram dos ensaios e ajudaram a moldar a proposta final.

“Quis experimentar os recursos de acessibilidade desde o primeiro ensaio. O desafio era estar organicamente na dramaturgia, ser acessível sem recursos extras e de forma divertida”, explica o diretor. A peça, com sua abordagem sensível e inovadora, reflete a visão de Marco dos Anjos de criar um espetáculo que vai além da simples inclusão, promovendo uma experiência teatral enriquecedora para todos os públicos.

SERVIÇO DA JANELA

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
De 3 a 18 de maio, de quarta a sexta (15h e 18h), sábados e domingos (16h)
Ingressos: Plateia A - R\$ 70 e R\$ 35 (meia) | Plateia B - R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Divulgação



Divulgação



Por Cláudia Chaves*

Especial para o Correio da Manhã

A Feira das Yabás é uma verdadeira celebração de ancestralidade, gastronomia e cultura afro-brasileira! Nasceu em Oswaldo Cruz, berço da Portela, em 2008, idealizada pelo cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz. A intenção era valorizar a cultura negra, promovendo encontros que exaltssem a história, a tradição e a espiritualidade dos nossos ancestrais.

Para festejar o Dia do Trabalhador nesta quinta-feira, 1º de maio, mês em que celebra o 17º aniversário, a Feira das Yabás aporta novamente no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). A tradicional roda de samba, comandada por Marquinhos, recebe convidados simbólicos no Dia do Trabalhador: Moacyr Luz e Samba do Trabalhador, a tradicional roda que embala as segundas-feiras no Clube Renascença.

Mas afinal, quem são as yabás? No universo do candomblé e das religiões de matriz africana, yabás são as orixás femininas, poderosas mães da criação. Representam forças da

natureza e aspectos da vida como o amor, a fertilidade, a sabedoria e a justiça. Entre elas, destacam-se Oxum, Iemanjá, Oyá (também chamada Iansã), Nanã e Obá, cada uma com sua energia e sua história cheia de axé.

A importância das yabás na nossa ancestralidade é imensa, pois são a memória viva das mulheres africanas que atravessaram o Atlântico, trazendo nos corpos e nos corações as sementes da cultura afro-brasileira. Reverenciar as yabás é um gesto de resistência e amor à história do nosso povo, é reafirmar a dignidade das nossas origens.

As Feiras das Yabás têm como grande

estrela a gastronomia afro-brasileira. Cada barraca é um convite irresistível ao paladar, com pratos que têm histórias ancestrais.

Cozinheiras como Vera Caju, Selma Candeia, Tia Edith, Neide Santana, Tia Nira e Rosimeri Cruz, entre outras, apresentam iguarias como acarajé douradinho, abará cozido em folha de bananeira, vatapá cremoso, caruru, moquecas perfumadas e doces como cocada e bolinho de estudante. Tudo feito com muito dendê, leite de coco e axé. A única coisa difícil é saber escolher o que comer, entre tantas delícias.

Marquinhos relembra as origens do even-

Divulgação



A feira das Yabás reúne gastronomia de sabores ancestrais, samba de raiz e moda e artesanato de empreendedores populares num autêntico 'hub preto', como define Marquinhos de Oswaldo Cruz, idealizador do evento

As yabás em festa

CCBB RJ recebe edição especial do tradicional evento de Oswaldo Cruz

Divulgação



to: ele promovia roda de samba como tempero para uma macarronada com carne assada e feijão, feita pelas pioneiras Tia Edith e Neide Santana. O evento saiu do quintal e foi pra rua. Hoje deixou de ser apenas um evento de samba e comida para atrair empreendedores locais de moda e artesanato. "A feira tornou-se um hub preto", define o sambista.

O clima das Feiras é pura ginga, com muita música de roda, samba de raiz, jongo, capoeira, maracatu e ação dos afoxés. O batuque dos atabaques ecoa no peito e faz o corpo querer sambar, dançar e saudar os orixás. E, é claro, não podem faltar os turbantes, as saias rodadas e os colares de contas coloridas, cada um com seu significado especial.

A ligação com o candomblé é profunda e bela. Durante a feira, é comum haver saudações e oferendas discretas, com todo respeito aos orixás. A presença das yabás é sentida na alegria do povo, na fartura das comidas e na força da irmandade. É um momento de reconexão espiritual. A feira tem papel social importante ao valorizar a economia criativa local, dando espaço para pequenas empreendedoras. Além disso, educa sobre a história africana e afro-brasileira, combatendo o preconceito através do conhecimento e da celebração.

Cada edição é um novo renascimento. Ali, na área em frente ao CCBB, com as barracas enfeitadas, cada risada, cada prato servido, cada tambor tocado é um elo com a nossa África-mãe. A feira é uma verdadeira "festa de axé", onde o passado e o presente se encontram para construir um futuro de orgulho e resistência. E quem passa por lá sente na pele a bênção das mães ancestrais, levando para casa muito mais do que lembranças: leva axé, história e identidade.

*Colaborou Affonso Nunes

Feira de Cerâmica de Petrópolis leva oficinas, exposição e roda de conversa gratuitas ao Parque Glória Maria, em Santa Teresa

O Parque Glória Maria, em Santa Teresa, será palco neste sábado (3), da Feira de Cerâmica de Petrópolis, que chega à sua sexta edição em 2025. Parte do calendário oficial da cidade serrana, o evento reunirá mais de 20 expositores no Terraço do Centro Cultural, onde funcionava a antiga casa de Laurinda Santos Lobo, figura central da Belle Époque carioca. Além da exposição e comercialização de peças únicas, o público poderá participar de oficinas, rodas de conversa e demonstrações ao vivo com ceramistas de Petrópolis e do Rio.

A proposta é ampliar o conhecimento sobre os processos de criação e as singularidades dessa arte milenar, promovendo o intercâmbio entre artistas e visitantes. “A Feira atrai artistas, artesãos e entusiastas, propiciando uma rica troca de ideias e o compartilhar de paixões, reforçando a conexão entre a comunidade e essa expressão artística que traduz em formas, texturas e cores o que bem podemos chamar de poesia concreta”, afirma Alice Cavalcante, uma das produtoras do evento.

A cerâmica em Petrópolis tem raízes profundas: foi iniciada na década de 1920, com o francês Henry Gonot e o empreendedor Alberto Augusto da Costa. A produção teve



Tradição petropolitana, a Feira de Cerâmica chega ao Rio neste fim de semana

Entre o barro e a palavra



fôlego até os anos 1970 e, nas últimas décadas, voltou com força. Hoje, cerca de 40 ceramistas atuam na cidade imperial, produzindo objetos artísticos, decorativos e utilitários em ateliês que movimentam a economia local e atraem um

público crescente.

Idealizada por artistas locais, a Feira surgiu como um espaço para exposição e venda de peças, mas tornou-se também um ponto de encontro para o compartilhamento de saberes. Em novembro de 2024, a edição rea-



lizada no Shopping Vilarejo, em Itaipava, reuniu mais de três mil pessoas em um fim de semana. Agora, como define a produtora Isabel Themudo, “é a vez de a gente descer a serra, subir Santa Teresa e mostrar esses lindos trabalhos”.

SERVIÇO

FEIRA DE CERÂMICA DE PETRÓPOLIS

Parque Glória Maria - antigo Parque das Ruínas (Rua Murtinho Nobre, 169 – Santa Teresa) | 3/5, das 11h às 18h
Entrada franca